

Mulheres Conquistam Mercado, mas Ganham Menos

Antonio Marcos Ambrozio*

24 de agosto de 2006

Ao longo das últimas décadas, a participação feminina no mercado de trabalho formal brasileiro aumentou substancialmente. A despeito disso, persistem diferenças importantes de remuneração e de acesso entre homens e mulheres. O objetivo desse informe é analisar, entre 1996 e 2005, a evolução da participação feminina nesse mercado, em termos do saldo líquido de empregos (diferença entre admissões e desligamentos) e do salário médio. Para tanto, utilizaram-se as bases de dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais)¹ e, principalmente, do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Evolução da Renda: Homens e Mulheres

A participação das mulheres no mercado de trabalho vem aumentando na última década. De acordo com os dados da Rais, esse percentual, que era de pouco menos de 38% em 1996, aumentou para 39% em 2000 e atingiu 40% em 2004, último ano em que esses dados estão disponíveis.

Esse crescimento contínuo da proporção de mulheres entre os trabalhadores ocorreu a despeito do intenso ciclo registrado no mercado de trabalho nesse período, em termos de geração líquida de postos de trabalho. Como já foi apontado no *Visão do Desenvolvimento nº 3*, de 06.07.2006, houve uma importante quebra no padrão de geração de emprego formal no período

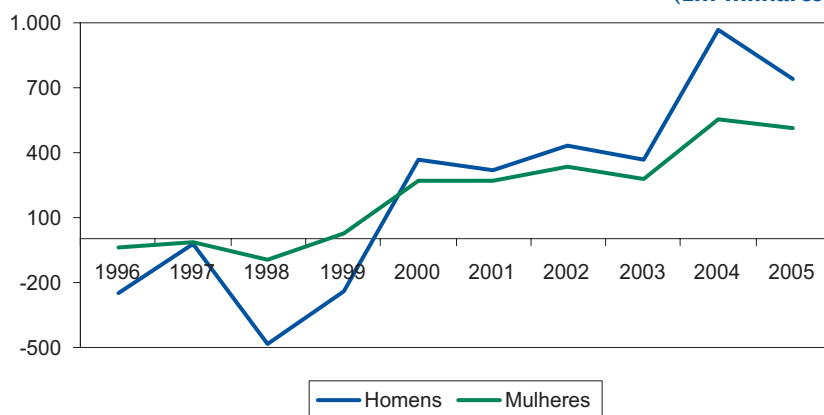
***Economista da Secretaria de Assuntos Econômicos do BNDES.**

¹ A Rais é uma base estatística referente ao mercado de trabalho formal, que, além dos trabalhadores celetistas – que também são abrangidos pelo Caged – inclui os estatutários, temporários e avulsos.

1996-2005. Segundo os dados do Caged, houve uma destruição líquida de mais de cerca de 1 milhão de postos de trabalho entre os anos de 1996 e 1999. Em compensação, o número de admissões superou o de desligamentos em todos os anos seguintes, resultando em uma criação líquida de quase 5,5 milhões de empregos no período 2000-2005.

Como pode ser visto no Gráfico 1, esse padrão de geração de emprego foi, em termos gerais, comum tanto para homens quanto para mulheres. Em ambos os casos, houve destruição de empregos entre 1996 e 1999 e criação entre 2000 e 2005. Há, no entanto, uma diferença marcante de intensidade do processo de destruição verificado entre 1996 e 1999. Quase toda a perda líquida de postos de trabalho – cerca de 90% do total – se deu na população masculina. O contingente feminino respondeu por apenas 10% desse total. Em 1999, chegou a haver uma expansão do emprego entre as mulheres, enquanto ocorria uma destruição líquida de quase 240 mil postos de trabalho ocupados por homens.

Gráfico 1
Saldo Líquido de Emprego entre 1996 e 2005: Homens e Mulheres
(Em milhares)



Fonte: Caged.

No período de expansão registrado a partir de 2000, a maior parte do saldo líquido de empregos criados – 59% – foi destinada aos homens, enquanto a participação feminina foi de 41%.

Entretanto, entre 2000 e 2003, os postos adicionais de trabalho foram praticamente divididos igualmente entre as duas populações. Só em 2004 e, em menor medida, em 2005, o emprego masculino aumentou sensivelmente mais em termos absolutos.

Do ponto de vista de qualificação, um ponto importante a ser assinalado é que a tendência do período 1996-2005 foi de um aumento do trabalho mais qualificado e redução do menos qualificado. Em relação à expansão do emprego para os trabalhadores que têm acima da oitava série até o ensino médio, a participação feminina no saldo reduziu-se de 42% no primeiro período (1996-1999) para 39% no segundo (2000-2005).

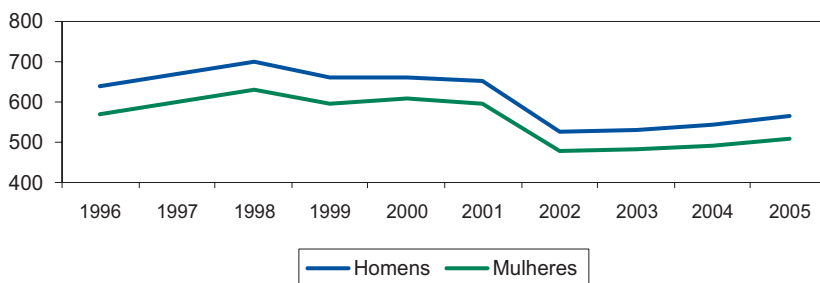
Mais notável foi a participação das mulheres na categoria mais qualificada, acima de ensino médio, ou seja, com curso superior completo ou incompleto. Entre 1996 e 1999, enquanto os homens com esse nível de escolaridade sofreram uma perda líquida de emprego, houve uma criação líquida positiva – embora pequena – para as mulheres. Já no período 2000-2005, quando o saldo líquido é positivo para ambos os sexos, a maior parte das vagas foi absorvida pelas mulheres. A participação feminina foi de 56%. Com efeito, dados da Rais para 2004 mostram que as mulheres são maioria dentre os empregados com ensino superior completo, correspondendo a 57% do total.

Evolução da Renda a Índices do IPCA

O Gráfico 2 apresenta a evolução do salário médio mensal real (a preços de 2005, corrigidos pelo IPCA) dos trabalhadores admitidos entre 1996 e 2005, evidenciando um padrão comum tanto para homens quanto para mulheres. Houve aumento entre 1996 e 1998, sucedido por queda em 1999. Nos dois anos seguintes, o salário médio manteve-se relativamente estável. Voltou a sofrer uma grande perda em 2002 e, desde então, vem se recuperando.

Essa evolução do salário médio real está diretamente relacionada à trajetória inflacionária. O salário médio real aumentou durante os anos de desaceleração da alta de preços (1996-1998 e 2003-2005) e sofreu perdas significativas nos períodos onde houve desvalorizações cambiais abruptas que levaram a acelerações inflacionárias (1999 e, particularmente, 2002).

Gráfico 2
Salário Médio Mensal Real dos Admitidos: Homens e Mulheres
 (A preços de 2005, corrigidos pelo IPCA)



Fonte: Caged.

Comparando-se o salário médio real dos homens com o das mulheres, percebe-se que o rendimento masculino superou o feminino em todos os anos do período 1996-2005. Os salários reais médios, a preços de 2005, dos admitidos entre 1996 e 2005 foram de R\$ 614 para os homens e de R\$ 556 para as mulheres. Esse diferencial de R\$ 58 foi ligeiramente maior no período 1996-1999 (R\$68) do que no período 2000-2005 (R\$52). Assim, enquanto em média o salário real médio das mulheres recém-empregadas correspondia a 89,8% do masculino entre 1996 e 1999, esta proporção aumentou para 91% entre 2000 e 2005.

Tabela 1
Saldo Líquido de Emprego Acumulado, Homens e Mulheres,
por Grau de Instrução
(Em milhares)

Escolaridade	Até 4ª Série		Acima 4ª até a 8ª Série		Acima 8ª Série até o 2º Grau		Acima 2º Grau	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
1996-1999	-1002	-210	-161	-84	214	153	-70	12
2000-2005	-426	-95	696	261	2606	1637	318	413

Fonte: Caged.

Cresce a Escolaridade de Homens e Mulheres

Assim, a disparidade salarial entre homens e mulheres reduziu-se de forma muito tímida ao longo de um período de 10

anos. A persistir essa tendência, seriam necessários mais 75 anos para eliminar completamente a desigualdade salarial por sexo.

Do ponto de vista de escolaridade, como esperado, o rendimento médio tanto de homens como de mulheres foi crescente com o grau de instrução. O aumento é mais expressivo quando se compara os contingentes com escolaridade até ensino médio aos de nível superior completo.

O salário médio real dos homens superou o das mulheres em todos os níveis de escolaridade considerados. O diferencial foi maior para os trabalhadores com nível de escolaridade mais elevado, ou seja, acima do ensino médio: as mulheres auferiram em média apenas 63% do salário real médio dos homens.

O menor diferencial se deu justamente entre os menos qualificados: até a quarta série, inclusive. Nesse contingente, o rendimento médio real das mulheres equivaleu em média a 82% da remuneração dos homens.

Já entre os analfabetos, o rendimento médio real das mulheres foi em média superior ao dos homens.

Destaque-se que o diferencial de rendimento entre os sexos caiu entre 1996-1999 e 2000-2005 para todos os níveis de escolaridade. Essa queda foi mais significativa no segmento da oitava série do ensino médio, no qual esse hiato recuou 6 pontos percentuais.

Tabela 2

Razão entre Salário Médio Real Feminino e Masculino, Trabalhadores Admitidos, por Grau de Instrução (%)

Escolaridade	Até 4ª Série	Acima 4ª até a 8ª Série	Acima 8ª Série até o 2º Grau	Acima 2º Grau
1996-1999	82	78	75	62
2000-2005	83	78	81	64

Fonte: Caged.

A discrepância salarial por sexo entre os mais escolarizados pode, em princípio, ser explicada pela maior limitação de acesso das mulheres a cargos de chefia ou, mais genericamente, a ocupações bem remuneradas. Tomando como base as informações

da Rais em 2004,² consideramos quatro ocupações que apresentaram elevada remuneração média naquele ano (foram consideradas as ocupações cuja remuneração média foi acima de R\$ 3 mil para homens e mulheres): dirigentes de empresas e organizações (que não de interesse público), pesquisadores, profissionais de ciências exatas e de ciências jurídicas. A participação feminina nessas ocupações foi de, respectivamente, 29%, 40%, 21% e 42% do emprego total. Tomando-se as quatro ocupações em conjunto, conclui-se que, de fato, as mulheres estavam sub-representadas entre as ocupações melhor remuneradas, com participação de apenas 26% no total.

Entretanto, quando se analisam os diferenciais de salário, observa-se que o acesso limitado a ocupações mais bem remuneradas explica apenas parcialmente o diferencial de rendimento. Nas quatro ocupações consideradas, o salário médio feminino como proporção do salário médio masculino variou de 42%, no caso de dirigentes, a 87%, no caso dos profissionais de ciências jurídicas. A conclusão a que se chega é que, além do fato de as mulheres terem acesso limitado a cargos de chefia nas firmas, seus salários nesses postos são inferiores.

Salário Médio É Menor em Todas as Categorias

Os resultados anteriores são qualitativamente similares quando se controla por educação. Restringindo o universo de análise para os trabalhadores com nível superior completo, a participação feminina nas quatro categorias ocupacionais consideradas é novamente reduzida (26,5%), e o salário médio relativo das mulheres é menor em todas as categorias, variando de 46% no caso de dirigentes a 88% no caso dos profissionais de ciências jurídicas.

² No que segue consideramos o total dos trabalhadores ocupados em 2004, e não apenas os admitidos. Os resultados são qualitativamente similares aos obtidos junto ao Caged: entre o total de empregados o salário médio masculino também supera o feminino em todos os níveis de escolaridade, sendo o diferencial salarial maior para o grau de instrução mais elevado.

Conclusões

A participação das mulheres no mercado de trabalho formal mostrou uma evolução favorável entre 1996 e 2005. No período 1996-1999, quando houve retração do emprego total, a maior parte do ajuste foi absorvida pelos homens. Já entre 2000 e 2005, quando o emprego se expandiu com força, houve um avanço significativo no percentual de mulheres empregadas.

A participação feminina foi crescente por nível de escolaridade. Em particular, a participação das mulheres superou a dos homens no saldo líquido de emprego para os trabalhadores com nível superior. Apesar disso, as mulheres ainda estão em menor número quando se consideram cargos de chefia em empresas e organizações.

Dentro do quesito renda, o salário médio masculino superou o feminino em todos os anos entre 1996 e 2005, tanto entre admitidos como entre desligados no período. Houve apenas uma pequena redução no diferencial de renda nos períodos 1996-1999 e 2000-2005. O salário relativo dos homens é maior tanto por nível de escolaridade quanto por posição ocupacional.

Em suma, o panorama geral obtido mostra que, embora a mulher esteja ganhando acesso aos empregos que demandam mais qualificação, sua remuneração *vis-à-vis* a dos homens ainda é muito desfavorável nesse tipo de emprego.

Isso se dá tanto por seu acesso limitado a cargos de chefia ou, genericamente, a ocupações que pagam mais, como por um diferencial relevante, para menos, de remuneração frente aos homens nessas ocupações.